

# Só um Oscar não resolve nada



» JOSÉ MANUEL DIOGO  
Escritor, produtor cultural  
e presidente da Associação  
Portugal Brasil 200 anos

traga um impulso momentâneo ao cinema brasileiro. Distribuidores podem se interessar por novas produções, e a crítica internacional, por um breve período, olhará para o Brasil com curiosidade. Mas isso não resolve os problemas estruturais que persistem há décadas.

O desmonte das políticas de fomento ao audiovisual, a concentração do mercado em blockbusters estrangeiros e a falta de incentivo à exibição de filmes nacionais nos cinemas são barreiras que nem um Oscar pode derrubar. Afinal, foi o próprio Salles quem disse que *Ainda* demorou sete anos a ser terminado.

Para que o Oscar não seja um episódio isolado, são precisas medidas concretas. A primeira é a reconstrução das políticas de incentivo ao audiovisual. Países com forte tradição cinematográfica, como França e Coreia do Sul, não deixaram o destino de suas indústrias nas mãos do mercado. Criaram mecanismos de proteção e financiamento que garantem um fluxo contínuo de produções e uma presença relevante nos cinemas.

O Brasil já teve políticas eficazes nesse sentido. A Lei do Audiovisual e o Fundo Setorial do Audiovisual foram fundamentais para a explosão de produções nacionais na década de 2000. Mas o desmonte dessas iniciativas nos últimos anos fragilizou a indústria.

Outra questão crucial é a regulação do mercado exibidor. O espaço do cinema nacional dentro do próprio país é reduzido, esmagado pela hegemonia dos blockbusters americanos. No fim dos anos 1990, o Brasil implementou a cota de tela, obrigando as salas de cinema a exibirem um percentual mínimo de filmes nacionais. Essa medida, que já provou ser eficaz, precisa ser modernizada e ampliada.

A Coreia do Sul, por exemplo, instituiu

cotas para filmes locais nas salas de cinema e exigiu que as plataformas de streaming investissem na produção de conteúdos sul-coreanos. O resultado? Um mercado cinematográfico fortalecido, exportando filmes e séries para o mundo todo.

Mas nenhuma política de incentivo ao cinema será eficaz se não houver um público. E isso passa diretamente pela formação do espectador brasileiro. O cinema nacional precisa ser valorizado desde a escola, com programas educativos que promovam o contato dos jovens com a produção audiovisual brasileira.

Na França, filmes nacionais são amplamente utilizados em salas de aula, integrando currículos escolares e festivais estudantis. No Brasil, iniciativas como a Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis demonstraram o potencial de um trabalho contínuo nesse sentido, mas ainda são ações pontuais. É necessário institucionalizar essa prática.

Além disso, a mídia e os próprios cineastas devem investir mais na criação de um imaginário cultural em torno do cinema brasileiro. Durante décadas, a música brasileira se consolidou como uma marca reconhecida internacionalmente, algo que o cinema ainda luta para alcançar. O Oscar pode ser um ponto de inflexão, mas apenas se for acompanhado de um esforço contínuo para fortalecer o vínculo do público com a produção nacional.

Se quisermos que o Brasil tenha um cinema forte e independente, precisamos parar de buscar validação externa e começar a garantir que nossas histórias sejam contadas, assistidas e celebradas por nós mesmos. Afinal, um cinema não se constrói apenas com prêmios, mas com público.

Talvez seja esse o maior desafio: fazer com que o Brasil, enfim, aprenda a se enxergar como Brasil.

## Visto, lido e ouvido

Desde 1960 Circe Cunha (interina)

circacunha.df@dabr.com.br



## Plantar árvores

A ideia não é nova no mundo, mas é sempre bem-vinda e necessária em qualquer tempo e lugar por onde tenham passado homens com sua sede permanente por riquezas. Quem, por acaso tenha lido o livro de Jean Giono (1895-1970), *O homem que plantava árvores*, de 1953, por certo, teve se deparado com a frase: "... os homens poderiam ser tão eficazes como Deus em algo mais que a destruição". Com isso, o autor quis dizer que os homens poderiam assim, se dispusessem imitar o Criador, erguendo e cuidando de todas as formas de vida sobre a Terra, e não destruindo e reduzindo a cinzas como faz a morte, ao deixar escombros e aridez por onde passa.

A observação de Jean veio a propósito da incansável atividade de Elzéard Bouffier, o personagem principal, que, durante a maior chacina de nossa história, representada pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918), continuava, dia após dia, plantando carvalhos numa região agreste dos baixos Alpes franceses, abandonada pela população local, devido ao desmatamento secular, promovido pelos carvoeiros naquela região. O contraste, entre quem cuidava de recuperar a vida da região e o morticínio irracional da guerra do século passado, é flagrante e mostra, de forma crua, como os homens podem, ao mesmo tempo, abandonar de lado a vida em sua plenitude e seguir os passos da morte, ainda que sabendo dos resultados dessa opção.

O texto que chegou ao Brasil, em forma de desenho animado, há poucos anos, sendo posteriormente publicado em livro, parece cada vez mais atual, justamente por mostrar a capacidade do ser humano mudar o mundo ao seu redor, tanto para o bem, quanto para o mal. Nesses tempos em que o nosso planeta experimenta, por meio do fenômeno do aquecimento global, o que talvez seja o maior desafio de todos os tempos, e que pode pôr fim à existência da espécie humana na Terra, nada mais moderno e premonitório do que as mensagens contidas nesse texto escrito ainda no século passado.

Buscar o exato significado para as árvores, num tempo em que ainda acredita-se não existir nenhum, é uma tarefa e um desafio que pode nos colocar hoje entre permanecer por essas paragens ou ter que sair de fininho para outros mundos para não perecer.

O desafio gigante, que na obra, é realizado por um só homem durante mais de 30 anos em que plantou naquela região milhões de árvores, pode ser uma das respostas para esse dilema da atualidade. Embora pareça uma tarefa impossível, essa de recuperar o planeta da degradação imposta pelas consequências da Revolução Industrial em sua ânsia por adquirir matérias-primas, o livro mostra que bastou a persistência de apenas um indivíduo para mudar a realidade local. "Um único homem, reduzido a seus recursos físicos e morais, foi capaz de transformar um deserto em uma terra de Canaã", diz o autor.

O que conhecemos hoje, por meio da palavra, muito em moda, como resiliência, é a capacidade de resistir e se adaptar às mudanças, tanto pode ser aplicada ao homem quanto à própria natureza, desde que lhes seja ofertada a oportunidade. Nesse fenômeno, que muitos classificam como um sinal e uma semente da própria vida, é que pode estar a redenção, ou não, da humanidade. Obviamente, os exemplos a seguir não devem se resumir a uma obra de ficção. Mas ela pode inspirar a promoção de mudanças necessárias e urgentes que o momento exige. Toda grande obra pode ter seu início apenas movida pela inspiração, trazida pelos belos exemplos, sejam eles reais ou não. O primeiro passo é o das ideias, dado ainda no mundo abstrato dos projetos mentais. Pode vir a ser realidade concreta, pelo esforço físico, o que é uma mera consequência da capacidade de pensar.

Nesse caso, pensar num mundo em que a vida seja ainda uma possibilidade real e que valha a pena. Da África, talvez o continente mais economicamente sofrido e espoliado na história da humanidade, vem um dos muitos e bons exemplos que precisamos para nossa salvação futura. Na Etiópia, um dos países mais populosos e pobres daquele continente, o governo empreendeu uma jornada em que em apenas 12 horas, uma força-tarefa, atuando em mais de mil áreas daquele país, conseguiu a façanha de plantar mais de 350 milhões de árvores. Um recorde mundial. Também a Índia, castigada pelos desflorestamentos, vem empreendendo um grande esforço para recuperar pelo menos suas florestas. Na última empreitada, 800 mil voluntários plantaram mais de 50 milhões de árvores em 2016 e prosseguiram plantando. Na China, parte ociosa do que seria o maior exército do planeta, tem sido deslocada para a mesma tarefa no norte do país. São mais de 60 mil soldados empenhados nessa tarefa. Os fuzis cederam lugar às ferramentas agrícolas. A intenção do governo é criar uma nova floresta na região de Hebei, numa área de mais de 84 mil quilômetros quadrados. Para todo o país, a meta atingiu uma cobertura de mais de 23% daquele grande continente até o fim do ano passado. São esforços pontuais, mas que podem fazer a diferença num futuro não muito distante.

Cientistas acreditam que, pelo estado atual de degradação do planeta, será preciso pelo menos o plantio de mais de 1,2 trilhão de novas árvores, apenas para arrefecer a Terra e livrá-la dos efeitos maléficos do aquecimento global, que está atuando entre nós. A situação, bem do conhecimento dos técnicos das Nações Unidas, tem estimulado ações dessa organização, com um projeto em andamento, cuja meta é plantar 4 bilhões de novas árvores nos próximos anos.

Por todo o mundo, projetos semelhantes estão em desenvolvimento, uns ambiciosos e outros mais modestos, mas são de grande valia em seu conjunto. De todos os projetos de plantio de árvores pelo planeta, nenhum é mais ambicioso do que o que vem sendo erguido nas bordas do grande deserto do Saara, também na África. Em nenhum lugar do planeta, as mudanças climáticas são mais impactantes do que as que ocorrem nos países margeados por esse grande deserto. O deserto vem aumentando de área num ritmo assustador nos últimos anos. Com ele, vem o clima cada vez mais inóspito à vida. Com temperaturas que ficam, em média, próximas a 50 graus centígrados.

Com esse fenômeno vem também a escassez de água, cada vez mais assustadora e motivo de conflitos permanentes na região. Financiada pelo Banco Mundial, a União Europeia e as Nações Unidas, um projeto unindo vários países locais, visa a erguer uma gigantesca barreira verde, de árvores que cobrirá uma área de mais de 8 mil quilômetros, atravessando todo o continente africano na parte sul do Deserto do Saara, formando uma enorme muralha para conter o avanço da areia. A meta é erguer essa Grande Muralha Verde até 2030, cobrindo com reflorestamento uma área de 247 milhões de acres ou aproximadamente 100 milhões de hectares.

## » História de Brasília

A atual direção da Novacap está enfrentando uma dificuldade. Mais de dois mil funcionários estão à disposição de outras repartições e avolumam-se agora, os pedidos de requisições para as Comissões Parlamentares de Inquérito. (Publicada em 27/4/1962)



## Minérios: a nova moeda geopolítica e imperativo estratégico para o Brasil



» RAUL JUNGSMANN  
Ex-ministro da Defesa, da  
Segurança Pública, e atual  
diretor-presidente do Instituto  
Brasileiro de Mineração

ainda ganham assento privilegiado nas mesas de negociação internacional.

O Brasil, no entanto, parece subestimar sua posição nesse cenário. Segundo maior produtor de minério de ferro e que abriga 98,4% das reservas mundiais de nióbio, 280 mil toneladas de urânio e depósitos significativos de lítio, situa-se à margem dessa estratégia geopolítica ao manter um histórico de timidez em pesquisa geológica e políticas públicas fragmentadas.

Apenas 4% do território tem mapeamento em escala adequada à produção mineral, não obstante os esforços do Serviço Geológico Brasileiro. Sem dados precisos, jazidas permanecem subutilizadas ou desconhecidas.

Em 2024, o setor mineral brasileiro recolheu R\$ 93 bilhões em tributos, registrou 221 mil empregos diretos e respondeu por 47% do saldo comercial positivo. Os números são robustos, mas a produção ainda se concentra em commodities, como o minério de ferro, que representa 59,4% do faturamento setorial (R\$ 270,8 bilhões) e 68,7% das exportações.

Enquanto isso, minerais críticos para a transição energética — como lítio, grafite e terras raras — seguem sem estratégias claras de exploração e industrialização.

A falta de visão integrada abre espaço para que potências estrangeiras capturem oportunidades no Brasil. Empresas chinesas, como CNMC e MMG, adquiriram ativos estratégicos em estanho, níquel, entre outros, enquanto investidores norte-americanos financiam projetos de lítio em Minas Gerais.

Esses movimentos não são filantropia. Refletem a corrida global por suprimentos

seguros de materiais essenciais a baterias, placas fotovoltaicas, chips e armamentos.

A Agência Internacional de Energia projeta que o mercado de minerais críticos saltará de US\$ 320 bilhões (2022) para US\$ 1,2 trilhão até 2030. O Brasil tem todas as cartas para liderar esse boom. Possui pelo menos um depósito de cada mineral crítico listado pela União Europeia e pelos EUA.

Contudo, potencial não se traduz em poder sem infraestrutura, inovação e marco regulatório estável. O atual cenário é de entraves: legislações ambientais onerosas, morosidade na concessão de licenças e ausência de linhas de financiamento e de incentivos fiscais para industrialização in loco.

O setor privado sinaliza disposição com US\$ 68,4 bilhões previstos em investimentos até 2029. Mas, sem coordenação estatal — via políticas de fomento à pesquisa, desburocratização e incentivos à inovação —, o Brasil seguirá exportando riqueza bruta enquanto importa soberania.

A conclusão é nítida. Mineração não é opção: é imperativo, inclusive para o Brasil. A guerra na Ucrânia deixou claro que recursos minerais são tão estratégicos quanto o petróleo no século 20. Para o Brasil, negligenciar seu subsolo é abrir mão de desenvolvimento econômico, autonomia tecnológica e influência geopolítica.

A escolha situa-se entre fazer parte do jogo global ou entregá-lo a outros. Com planejamento, é possível conciliar crescimento mineral, sustentabilidade e valor agregado — desde que haja vontade política para transformar potencial em poder.